

Resenha

Filosofia Mestiça

Neuza Maria Câmara de Souza

Mestranda em Educação pela UFSJ
neuzabesamat@hotmail.com

Maria Emanuela Esteves dos Santos

Professora de Educação da UFSJ
mariaemanuela@ufs.edu.br

Resenha de SERRES, M. *Filosofia Mestiça*. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Le Tiers Instruit (1991), a enigmática obra do filósofo Michel Serres (1930-2019), trouxe em sua tradução para o português o sugestivo título *Filosofia Mestiça*. A opção por introduzir o termo mestiçagem na tradução para o português foi muito bem apreciada pelo filósofo, uma vez que esse termo destaca o que acontece no corpo do “terceiro instruído”, aquele que se desloca em direção ao outro, que parti de si mesmo, sendo esse deslocamento a ação por excelência de uma aprendizagem. Vale destacar, por outro lado, a alusão do título original ao princípio da não contradição, segundo a lógica clássica aristotélica diretamente implicada na lei do “terceiro excluído”. Enfim, já pelo título e seus correspondentes a obra assinala a intensidade de suas reflexões e provocações filosóficas no campo da educação, da filosofia e da relação com o conhecimento.

Conquanto, considerando a data de publicação dessa obra que já se aproxima dos seus 30 anos, fica a questão: Qual a relevância em ater-nos nesta obra para ser resenhada e publicada, já que o autor publicou outras obras mais recentes? Primeiramente, há que se considerar a relevância da temática e o diálogo diretamente estabelecido com a educação, por esse reconhecido pensador das ciências e das mudanças de seu tempo. Em segundo, o fato recente de sua morte – junho de 2019 – é por si mesmo um convite a revisitar o legado de sua obra, sendo *Filosofia Mestiça* uma de suas mais conceituadas produções – traduzidas para o português. Vale a pena resgatá-la nessa passagem cronológica que a possa ter deixado despercebida no debate com as questões atuais da educação, algo – ao seu tempo –, que ela faz com a mesma pertinência de uma obra que tivesse acabado de ser publicada há poucos dias.

Esta obra vem trazer reflexões sobre as questões da educação, principalmente a educação contemporânea que deve passar, segundo o autor, por um processo de exposição e mestiçagem, a qual implica ir ao encontro do outro, saindo do seu lugar e misturando-se. Trata-se, pois, de uma educação na alteridade.

Michel Serres, para expor suas ideias de alteridade, mestiçagem, da busca de uma educação que seja feita a duas mãos, formou então, conceitos a partir da tríade: corpo, educação e conhecimento. Assim, valorizando o corpo como suporte para o desenvolvimento de um saber ligado à educação e à construção do conhecimento. Educar através do corpo é um traço forte na obra do autor e assim ele o faz ao encarnar os seus conceitos em personagens, tais como Arlequim e Pierrô. Por meio desses personagens, o filósofo desloca o seu pensamento em diferentes direções de forma a mestiçar os conhecimentos e as práticas construídas.

O prólogo, intitulado *Laicidade*, é um convite à reflexão a partir do personagem *Arlequim*, o Imperador das terras distantes, que após fazer uma viagem de inspeção pelas terras lunares, retorna ao convívio dos seus súditos. Estes o interrogam sobre o que viu na viagem e ele responde que não viu nada de diferente. Mas, a plateia insiste para que ele descreva o que viu na sua viagem. Algo estava para acontecer. Como uma maneira de se livrar da sua vergonha de não ter trazido nada para acrescentar nos conhecimentos da plateia, Arlequim se despiu do seu casaco, que na realidade eram múltiplos casacos até mostrar o seu corpo, segundo o autor, tigrado, matizado, zebado, constelado, hermafrodito, canhoto completado e destro do lado esquerdo. Este corpo marcado de Arlequim simboliza a sua mestiçagem que está presente na condição de hemafrodito (macho e fêmea), mas também humano e animal, bem descrito pelo autor como monstro, esfinge animal e donzela, centauro, macho e cavalo, unicórnio, quimera, corpo composto e misturado e também presente nos seus gestos de usar as duas mãos.

O desenvolvimento do conceito de mestiçagem começa com a narrativa de um personagem de nome Arlequim, descrito acima e vestido com um casaco remendado, que lembra uma espécie de mapa-múndi, em um gesto ambidestro, que é o ato de se usar as duas mãos retira os diversos casacos sobrepostos, rodopiando as vestes com as duas mãos até chegar à nudez, que revela um corpo multicolorido, tatuado e hermafrodita.

A esse prólogo, soma-se as demais partes do livro intituladas: Criar, Instruir e Educar, que desenvolvem o conceito de mestiçagem como relação com o conhecimento e também com o mundo, livre de aprisionamentos morais ou sociais. Mestiçar saberes é uma forma do autor chamar a atenção para a possibilidade de uma educação mais inclusiva que possa lidar com todas as diferenças em sua alteridade. Assim, para Serres, quanto mais mestiço de saberes e de culturas alguém se torna, mais educado se é. Essa educação, por sua vez, fica marcada em seu corpo, como na alegoria do corpo marcado de Arlequim.

O capítulo *Criar* se inicia com uma saudação de gratidão ao Mestre, anônimo, já falecido, um educador que influenciou o autor quando criança, mesmo ele sendo canhoto, a escrever com a mão direita, fazendo dele um canhoto contrariado. A relação do corpo aparece em várias partes da obra de Serres, que demonstra de forma quase poética a grande conexão da materialidade do corpo com o processo de educar-(se), como um ato de auto-educação. O nascimento do mestiço se torna a aceitação de ser canhoto, mas também de ser destro, de sofrer ao aprender, mas com coragem que leva a descoberta plena do corpo e a aprendizagem de poder vivenciá-lo.

O caminho apontado pelo autor para atingir a mestiçagem apresenta algumas características: estilhaçamento do corpo em parte, expulsão para o exterior, escolha necessária do caminho transversal e paradoxal que também é a passagem pelo lugar mestiço. Toda educação requer que se passe pelo lugar mestiço, sendo o mestiço instruído sempre um eterno aprendiz.

Na segunda parte, intitulada *Instruir*, Serres ressalta que nem o Sol, nem a Terra estão no centro do mundo, e sim uma zona perdida, mestiça. De toda a revolução ocorrida no universo, o único sujeito que reina é o homem. E a ambiguidade do dia e da noite, reflete na instrução que não é mestiçada. Quando o sujeito usa somente uma parte do corpo, esquerda ou direita, ele tem esta parte como o dia e a outra como a noite. Por isso, sair deste estado de hemiplegia e encontrar o lugar mestiço é o caminho para a sementeira de uma educação de encontro com o outro, uma educação de forma mais completa. Através destes conceitos, Serres retrata a ideia do embate entre as ciências exatas e as ciências humanas. A proposta de mestiçar aqui é permitir o encontro entre estas ciências, estes conhecimentos e modos de vida, interliga-los, formando assim uma terceira pessoa instruída e educada. Um ser que use os ambos lados do corpo de forma ativa e conectada com o mundo a sua volta.

Na terceira e última parte, *Educar*, Serres traz a ideia de que, “se você quer se tornar tudo, aceite não ser nada” (1993, p. 180). A verdadeira educação é a passagem pelo lugar mestiço, esta sim, pode educar e transformar as pessoas. E não há uma cultura superior a outra e sim culturas que se complementam, nas relações de alteridade é que são construídos os elos que nos completam e o mais importante é que as trocas entre as pessoas são marcadas pela acolhida e a transformação, abrindo um espaço para o terceiro lugar, que é o lugar mestiço. Lugar de alteridade, de mestiçagem de conhecimentos e da busca por usar os lados direito e esquerdo do corpo.

As contribuições da obra *Filosofia Mestiça* são significativas no que tange pensar uma educação que passe da codificação à decodificação, na qual quem aprende abdica de si e lança-se a novos encontros que o façam ser mais completo. Este é o verdadeiro processo de mestiçagem. Em que a educação não se faz a partir somente de movimentos e sim um deslocamento pautado na alteridade, entrelaçando com o outro. E neste entrelaçamento, o outro encontra um segundo mundo que juntos formam um terceiro mundo que é o lugar mestiço, lugar este em que há tolerância e encontro, multiplicidades e atravessamentos, que são passagens para o novo, o misturado e o que acolhe o diferente.

Aplicando estes conceitos no campo da Pedagogia, pensa-se a formação de um sujeito híbrido, mestiçado pelos diferentes conteúdos que compõem esse campo do saber, interligando os aprendizes ao proporcionar a eles um encontro produtivo com a alteridade dos saberes e das culturas. A produção de saberes mestiços se torna um ponto para reflexão desse profissional da Educação Básica.

A quem então se destina a obra *Filosofia Mestiça*? A todos os aprendizes, pedagogos, pesquisadores e estudantes que desejam sair do seu lugar para encontrar o lugar mestiço, que desejam uma educação mestiçada de saberes em que o outro tenha o seu lugar e as relações sejam baseadas em alteridade. Que os entrelaçamentos de diferentes culturas e conhecimentos que a obra conclama, sejam a travessia para

uma educação de qualidade, para além da simples instrução, permitindo assim uma formação transformadora e vivida na multiplicidade.

Recebido em: 24/Set/2020 - **Aceito em:** 05/Out/2020.